

COLEÇÃO PARTICULAR: ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA EM HISTÓRIA DA ARTE EM TEMPOS DE COVID-19

PRIVATE COLLECTION: ANALYSIS OF AN ART HISTORY EXPERIENCE IN TIMES OF COVID-19

Raisa Ramos de Pina / UnB

RESUMO

O presente artigo analisa a experiência de realização de uma série de entrevistas audiovisuais com artistas e curadores, transmitida ao vivo por rede social para envolvimento de público e oferecimento de atração cultural em momento de isolamento para contenção da pandemia de covid-19. Por meio de utilização de plataformas digitais que propiciam interação e por meio de emprego do método de História Oral, o artigo reflete sobre a potência histórica da experiência e conclui que o projeto “Coleção Particular” apresenta-se como um material de registro de biografias, de pesquisas poéticas e de percepção da crise sanitária por parte da classe artística, temas relevantes na contemporaneidade e, sobretudo, no futuro, como fonte de informação sobre nosso tempo e espaço.

PALAVRAS-CHAVE

Coleção Particular; Arte Contemporânea; Covid-19; História Oral.

ABSTRACT

The present article describes an experience done throughout a series of audio-visual interviews with artists and curators, broadcasted live on social media channels for audiences' participation and as an option of cultural entertainment in times of social distancing due to the Covid-19 pandemic. Using online platforms which provide social interaction, and applying the Oral History methodology, this article contemplates the historical importance of the experience and concludes that the project “Private Collection” represents a recorded material of biographies, poetic research and perception of the health crisis by artists, themes that are contemporarily relevant, and above all will remain so in the future, as a source of information about our times.

KEYWORDS

Private Collection; Contemporary Art; Covid-19; Oral History.

Introdução

O isolamento social para contenção da pandemia de Covid-19 surpreendeu a população mundial, obrigada a suspender ou adaptar trabalhos e projetos em curso. Uma das consequências imediatas deste novo modo de vida foi a intensificação do uso das plataformas digitais como alternativa para contornar os desafios impostos do período.¹ Esta comunicação se ocupará da análise de um projeto realizado inteiramente por meio de plataformas digitais, operando em três campos: no envolvimento de artistas e curadores convidados a revisitarem seus trabalhos; no engajamento de público carente de eventos culturais no isolamento social; e, por fim, na produção de registros históricos sobre biografias, pesquisas poéticas e percepção da crise sanitária por parte da classe artística.

O projeto “Coleção Particular” foi concebido como uma série de entrevistas audiovisuais com artistas e curadores no contexto de isolamento social, em que galerias, espaços culturais e museus foram fechados por tempo indeterminado. Realizado no mês de abril de 2020, quando a capital federal completou 60 anos desde sua fundação por Juscelino Kubitschek, o projeto também se propôs a divulgar trabalhos realizados por profissionais de Brasília, nascidos ou radicados, destacando a qualidade artística da cidade, que não fica atrás do eixo Rio-São Paulo. Para além dos cânones históricos que construíram uma capital que transborda arquitetura e design, existe uma metrópole contemporânea fervilhante onde artistas desenvolvem pesquisas diversas sobre suportes, linguagens e temáticas múltiplas. Desenho, pintura, escultura, instalações, performances, curadoria e outros campos de investigação contemporânea são trabalhados por profissionais do Distrito Federal cujas preocupações comuns residem na compreensão da estética como política.

Na base de execução do “Coleção Particular”, projeto aparentemente simples realizado em redes sociais, consta uma metodologia de pesquisa em história preocupada com investigações futuras que possam ser viabilizadas a partir dos materiais legados pela experiência. O método principal aplicado no projeto é o da História Oral. De acordo com o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da Faculdade Getúlio Vargas (CPDOC/FGV), “a História Oral é uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea”.² Seu advento data dos anos 1950, com a invenção do gravador, e desde então difundiu-se entre pesquisadores de diversas áreas, especialmente das Humanidades.

Ainda segundo a Escola de Ciências Sociais da FGV, no Brasil, o método de História Oral foi introduzido na década de 1970 pela própria instituição. Na década de 1990, houve crescimento do movimento em torno da História Oral, com a criação da Associação Brasileira de História Oral. Atualmente, o CPDOC/FGV, referência em História Oral, cultiva um arquivo ímpar que reúne cerca de 900 entrevistas abertas à consulta, a maioria de estadistas ou figuras atuantes na política brasileira. O acervo, entretanto, é carente de contribuições de artistas e curadores, atores potentes na história do país, considerando que não há estética que não seja

política (RANCIÈRE, 2006). Cadastrado no projeto de extensão do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília “Ações em arte em tempos de covid-19”, o “Coleção Particular” opera não apenas como atividade de entretenimento cultural, mas como fonte de informações sobre a história do nosso tempo.

As entrevistas de história oral são tomadas como fontes para a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registro. Caracterizam-se por serem produzidas a partir de um estímulo, pois o pesquisador procura o entrevistado e lhe faz perguntas, geralmente depois de consumado o fato ou a conjuntura que se quer investigar. Além disso, fazem parte de todo um conjunto de documentos de tipo biográfico, ao lado de memórias e autobiografias, que permitem compreender como indivíduos experimentaram e interpretam acontecimentos, situações e modos de vida de um grupo ou da sociedade em geral. Isso torna o estudo da história mais concreto e próximo, facilitando a apreensão do passado pelas gerações futuras e a compreensão das experiências vividas por outros. (CPDOC/FGV, sem data, sem página)³

A História Oral é importante para a reconstituição de acontecimentos da História do Tempo Presente, segundo afirma Ferreira (2016), tensionando história e memória. Segundo a autora, “as entrevistas não lançam luz diretamente sobre os fatos, mas permitem aos historiadores rastrear as trajetórias inconscientes das lembranças e associações de lembranças”; dessa forma, é possível “compreender os diversos significados que indivíduos e grupos sociais conferem às experiências que têm” (FERREIRA, 2016, 134). A seguir detalho a execução do projeto.

Relato de execução

O “Coleção Particular” foi concebido como uma série de entrevistas com artistas e curadores, realizada por pesquisadora em artes e transmitida ao vivo pelo Instagram. Foram feitas treze transmissões que exigiram trabalho intenso de pré-produção, focado em pesquisa para elaboração de roteiro de cada entrevista. A pré-produção também abarcou o processo de divulgação. A forma de arquivamento, tarefa de pós-produção, será detalhada a frente.

Todos os encontros virtuais se iniciaram com a biografia dos convidados e com a pergunta de praxe sobre a experiência do isolamento social, tanto no plano pessoal quanto no profissional. Foram recuperados trabalhos emblemáticos dos entrevistados e destacada situação atual de pesquisa dos participantes. Sobre isso, darei mais detalhes à frente.

A seleção de nomes convidados foi pensada com preocupação de representação da diversidade. Apesar do reconhecimento acadêmico e institucional ter sido considerado e valorizado, não foi requisito definidor da programação, que contou também com artistas iniciantes, interdisciplinares e multi-linguagens. De toda forma, prevaleceu a participação de artistas-pesquisadores que elaboram sua poética dentro da universidade. Para cada

convidado, foi elaborado material digital de divulgação com foto do artista/curador e obras de destaque de suas carreiras. Os *cards* de divulgação foram publicados na rede social de execução do projeto, o Instagram, além de compartilhados em grupos de WhatsApp. Destaca-se a importância do engajamento dos próprios convidados na divulgação, que publicaram as chamadas em seus respectivos perfis e também compartilharam entre seus contatos.

O Instagram foi a rede social escolhida para a realização do projeto por quatro motivos. Primeiro porque se configura como uma rede de destaque para quem trabalha com visualidades, por ser focada na imagem. O segundo motivo foi observado já durante o período de isolamento social motivado pela pandemia do novo coronavírus. Sem encontros presenciais permitidos pelas autoridades públicas, o Instagram despontou como uma ferramenta engajadora de encontros virtuais. Foram muitas *lives* realizadas, inclusive por instituições museológicas importantes (a exemplo do Masp e da Pinacoteca de São Paulo), debatendo assuntos diversos, sejam eles de entretenimento, profissionais, políticos etc. O terceiro motivo pela escolha do Instagram foi a adesão à rede. Pesquisas em comunicação demonstram que o engajamento no Instagram tem crescido consideravelmente. Em abril de 2020, mês em que o “Coleção Particular” foi realizado, o Instagram anunciou mais de um bilhão de usuários ativos no mundo. O quarto e último motivo considerado foi a própria forma operacional de transmissão ao vivo da rede, que pode colaborar com a audiência das entrevistas. Ao iniciar uma transmissão ao vivo, o Instagram avisa seus seguidores *online*, direcionando audiência para a atração.

Cada uma das treze transmissões teve entre 30 e 40 espectadores no momento em que ocorreram. As visualizações posteriores (as *lives* ficam salvas no perfil por 24 horas) ultrapassaram 100 pessoas em cada um dos vídeos. É importante ressaltar que existiam outras plataformas e ferramentas possíveis para realização das entrevistas, mas o Instagram foi uma opção pensada para esta primeira experiência. O trabalho de arquivamento, entretanto, foi prejudicado por isso e nos faz refletir sobre outros meios de seguir com o projeto. Realizar o *download* de materiais do Instagram não é tarefa fácil e uma das entrevistas foi perdida: a de Antonio Obá. Outras duas tiveram problemas técnicos após o *download*, com paralisação da imagem a partir de determinado momento, sem prejudicar o áudio.

O trabalho de disponibilização desse material também foi desafio. Como o Instagram salva o arquivo apenas por 24 horas, foi necessário realizar o *download* dos vídeos (todos com aproximadamente 1 hora de duração), dividir em partes de 10 minutos e realizar o *upload* para o Youtube, em uma tarefa demorada. Atualmente, todas as entrevistas estão disponíveis para acesso no Youtube. O material também foi convertido em áudio, para disponibilização em *podcast*. Este trabalho ainda aguarda ser feito. Para as próximas experiências, cogita-se realizar entrevistas por meio da plataforma StreamYard, com transmissão direta no Youtube, seguida de arquivamento automático. A seguir, apresento os artistas e curadores entrevistados, bem como resumo os assuntos abordados por cada um.

Artistas e curadores entrevistados: índice remissivo

A primeira entrevistada do “Coleção Particular” foi Naiara Pontes, fotógrafa e colagista, fundadora do Clube de Colagem de Brasília. Em sua entrevista, ela comenta sua produção fotográfica durante os anos de governos de Dilma Rousseff, Michel Temer e Jair Bolsonaro, quando trabalhou na Secretaria de Governo da Presidência da República. Ela destaca o golpe de 2016 e coberturas de protestos na Esplanada dos Ministérios, que lhe renderam fotografias que transbordam do documental. Sem tirar os pés da arte, a entrevista também destaca técnicas de criação em colagem e registra o processo criativo do livro-objeto “Famílias Divididas”, criado por Naiara Pontes como forma de reflexão sobre as ditaduras militares do Brasil e da Argentina.

Antonio Obá foi o segundo entrevistado, mas problemas técnicos impediram o arquivo da conversa que abordou a pesquisa do artista com relação ao corpo negro em um mundo pós-colonial. A entrevista explorou especialmente seus trabalhos mais recentes em pintura, linguagem diferente da performance e da instalação que o destacaram no cenário nacional. Atualmente, Obá se debruça sobre pinturas que destacam elementos da sua ascendência africana.

O terceiro convidado foi Luiz Olivieri, mestre em Poéticas Contemporâneas e doutorando em Métodos e Processos em Arte pelo IdA/UnB. Seu trabalho inclui sons, videoarte e escultura. Indicado em 2018 ao Prêmio Pipa de Arte Contemporânea, Olivieri comentou seu processo criativo, que utiliza equipamentos curiosos de captação de som, e falou do diálogo que estabelece entre áudio, imagem e espacialidade. Também ficou registrado no arquivo o trabalho que o artista vem desempenhando ao lado de seus alunos da rede pública de educação do Distrito Federal, um relato interessante em arte-educação e autoria de trabalhos.

Chico Monteiro foi o entrevistado seguinte. Autodidata, mudou-se para Brasília ainda no governo Lula. Como vários artistas que entraram pra história, Chico cultiva sua criação no campo da liberdade incondicional e da identidade forte. Seu traço solto e curvo é identificado no primeiro olhar e pode ser visto tanto em coleções privadas espalhadas mundo afora como em muros da capital. A entrevista com o artista abordou sua mobilização social em defesa da cultura e dos direitos LGBTQIA+, além de formas de inspiração para criação plástica e colecionismo em arte. Destaca-se em sua fala a preferência pela técnica da gravura, como forma de democratização do acesso às artes, e pelo gênero de retrato, como instrumento de registros imagéticos de personalidades atuantes na contemporaneidade.

O primeiro curador entrevistado foi Marco Antônio Vieira, doutor em Artes. Atualmente como professor substituto da graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), na área de Teoria e História da Arte, Marco Antônio comentou com detalhes sobre processos curatoriais, diálogo com artistas e a importância do estudo teórico constante como forma de enriquecimento de atuações. Sua fala foi exemplificada com experiências concretas de curadorias feitas por ele, como exposições de Athos Bulcão e João Angelini.

Rosa Luz foi uma entrevistada especial por ser artista visual, mas não só. Ela é também cantora, compositora e ativista da visibilidade LGBTQIA+. Youtuber, seu canal conta com quase 40 mil inscritos. Como fotógrafa, ela já participou de exposições no Museu da Imagem e do Som, no Museu da Diversidade Sexual, na Casa de Cultura da América Latina e no Museu da República. Em 2018, foi capa da Revista Select, com a foto “E se a arte fosse travesti?”, clicada pela Madu Krasny. A publicação lhe rendeu um convite da SP-Arte para participar de debate sobre gênero. Rosa Luz também participou do 36º Panorama de Arte Brasileira do MAM-SP como expositora e teve destaque no documentário “Chega de Fiu-Fiu”, que trata de assédio sexual contra mulheres em espaços públicos, dirigido por Amanda Kamanchek Lemos e Fernanda Frazão. Essa multi-artista foi a sexta entrevistada do “Coleção Particular”. Sua fala foi feita sobre a experiência no isolamento, feminismo e comprometimento social de artistas, bem como recuperou memórias da residência no Reino Unido e sua participação na exposição “História das Mulheres, Histórias Feministas”, do Masp.

A fotógrafa Raquel Pellicano foi a entrevistada seguinte. Formada em Artes Plásticas pela Universidade de Brasília, escolheu a fotografia como campo de atuação. Comercialmente, é especializada em retratos, nu feminino e registros de viagens. Além disso, é sócia do Espaço f/508 de Cultura, que acabou de abrir uma filial em Lisboa, Portugal, de onde concedeu a entrevista. Professora, ela ministra diversos cursos especializados. No diálogo do “Coleção Particular”, Pellicano comenta sobre o isolamento em Portugal e a questão da nudez feminina em contraposição à objetificação da mulher, além de dar detalhes sobre gestão de espaço cultural.

Christus Nóbrega, artista e professor do IdA/UnB, foi o oitavo entrevistado. Com obras em acervos e coleções privadas e institucionais, a exemplo da Fondation Cartier de Paris, do Museu de Arte do Rio (MAR) e do Museu Nacional de Brasília, Christus Nóbrega foi indicado ao Prêmio Pipa duas vezes: em 2017 e 2019. A entrevista com o artista revisitou a experiência de residência na China e também na Austrália, além de abordar sua pesquisa de doutorado, cujo tema dialoga com o período de isolamento social. Christus também comentou sobre como Brasília afeta suas produções e sobre como seu estado-natal, a Paraíba, também reverbera em alguns de seus trabalhos.

A segunda curadora entrevistada foi Cinara Barbosa, mestre e doutora em Arte Contemporânea pela UnB. Atualmente, ela desenvolve pesquisa curatorial em diálogo com a Australian National University (ANU). Sua fala apresenta o processo de pesquisa em curadoria e dá detalhes preciosos sobre a participação crítica que desempenha na produção de artistas. Cinara também comenta sobre a concepção e execução do projeto por ela idealizado “BSB Plano das Artes”, que consiste em visitas guiadas coletivas a galerias e ateliês da capital federal.

Gê Orthof foi o décimo entrevistado. Indicado ao Prêmio Pipa duas vezes, em 2010 e 2019, o artista foi o vencedor do grande Prêmio CNI – Marcantonio Vilaça. Ele também recebeu bolsas e prêmios de instituições como Funarte, Associação de Críticos de Arte de São Paulo, Museu Nacional de Brasília e outras. Em 2011, ganhou o 1º Grande Prêmio da International Artist Competition, de Berlim. Sua entrevista revisita sua vasta trajetória profissional e destaca sua

infância, período em que viveu a perseguição da ditadura militar brasileira, que resultou em exílio e separação familiar.

A entrevista com João Trevisan explora questões relacionadas a matéria, peso, leveza, tensão, articulação, equilíbrio e política, a partir de seus trabalhos que se utilizam de elementos encontrados às margens da ferrovia. O artista, indicado pela segunda vez ao Prêmio Pipa este ano, interessa-se pela espacialidade das formas. Suas obras integram o acervo do Museu de Arte do Rio (MAR), do Museu Nacional de Brasília e do Museu de Arte de Ribeirão Preto.

Penúltima entrevistada, Raquel Nava tem uma pesquisa em artes que envolve a taxidermia, após residência no Hospital Veterinário da UnB. Ela expõe com regularidade desde 2006, tendo realizado mostras individuais em Brasília, no Rio de Janeiro, em Lima e em Paris. Em 2018, concorreu ao Prêmio Pipa de Arte Contemporânea e, no ano seguinte, foi indicada ao Prêmio Indústria Nacional Marcantônio Vilaça. Sua entrevista registra informações sobre a investigação da artista sobre o ciclo da matéria orgânica, revisitando seu estudo de mestrado, que se debruçou sobre o uso de cochonilha como corante de alimentos. O vídeo também apresenta relato da sua experiência de maternidade em diálogo com a profissão de artista em situação de isolamento social.

Gabriela Bílá, última entrevistada dessa primeira temporada do “Coleção Particular”, é arquiteta e urbanista, formada pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB, atualmente mestranda e pesquisadora no MIT Media Lab (Massachusetts Institute of Technology) na área de multimídia e linguagens digitais. Bílá utiliza a discussão da cidade como matéria-prima de seu trabalho. Urbanidade é a base da expressão plástica da sua produção, que faz uso de novas mídias e tecnologias para pensar os espaços de arte. Sua entrevista registra o diálogo que a artista cultiva com os espaços da cidade; apresenta a concepção do trabalho que seria exposto na Bienal de Veneza não fosse a crise sanitária de covid-19 e comenta sobre funcionamento e pesquisas em artes da MIT, a exemplo da biologia sintética trabalhada pela israelense Neri Oxman.

Considerações finais

O “Coleção Particular” foi realizado após um mês de isolamento social e o projeto foi iniciado, coincidentemente, no dia da demissão do ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta. A experiência é relevante por fazer ecoar narrativas sobre o contexto presente, seja pelo plano de fundo político-histórico, seja pelo registro das várias experiências do isolamento social pelos artistas, seja pela explicação detalhada de processos poéticos desenvolvidos ao longo da trajetória dos artistas entrevistados, todos produtivos em Brasília. A nova e inesperada problemática social posta à mesa tensionou artistas a se adaptarem ou não a uma realidade árida mesmo que virtual; conformarem-se ou não com as limitações impostas pela ameaça viral.

O projeto “Coleção Particular”, fantasiado de atração cultural de entretenimento para o público em geral neste momento de isolamento social para contenção da pandemia de covid-19, produziu encontros potentes cujos produtos (vídeos e áudios) figuram como materiais relevantes para a história brasileira, por serem registros de experiências vividas em situação excepcional de crise sanitária mas, principalmente, por sistematizarem provocações, investigações e atuações de artistas que são, antes de tudo, atores e testemunhas sociais.

Utilizando redes sociais e plataformas digitais para sua execução, o projeto ainda acumula dezenas de nomes de artistas e curadores do Distrito Federal, de trabalhos relevantes e reconhecidos pelas instituições, que podem ser entrevistados em temporadas de programação sequentes. A partir do método de História Oral, a continuidade do projeto – ou realização de propostas similares – significa produção de registros históricos úteis na contemporaneidade e, sobretudo, no futuro, como fonte documental para estudos do amanhã.

Notas

¹ Obviamente que se faz necessário ponderar que a inclusão digital não é realidade para um terço da população brasileira. De acordo com a pesquisa TIC Domicílios de 2018, realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação, do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, ligado ao Comitê Gestor da Internet do Brasil, 33% dos lares brasileiros ainda não possuem acesso à internet. O número é o dado mais recente registrado até maio de 2020 e nos leva a refletir sobre direito à informação e à comunicação no país, que ainda precisa avançar. Pesquisa sobre domicílios com acesso à internet no Brasil disponível em: < <https://www.cetic.br/tics/domicilios/2018/domicilios/A4/>> Acesso em 18 de maio de 2020.

² Trecho retirado do portal do CPDOC/FGV. Disponível em: < <https://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>> Acesso em 18 de maio de 2020.

³ Idem.

Referências

AMARAL, Aracy. Reflexões sobre a responsabilidade social da crítica de arte na América Latina. In: **Arte e Meio Artístico**: Entre a feijoada e o x-burguer. São Paulo: Editora 34, 2016.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História do Tempo Presente, História Oral e ensino de História. In: RODEGHERO, Carla Simone; GRINBERG, Lúcia; FROTSCHER, Méri (Org.). **História oral e práticas educacionais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

HUCHET, Stéphane. **A história da arte como multiplicidade simbólica**. Anais do XXII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte, Porto Alegre, 2002.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: Estética e política. São Paulo: Editora 34, 2009.

Raisa Ramos de Pina

Doutoranda em Antropologia Social (DAN/UnB), mestre em Teoria e História da Arte (IdA/UnB) e graduada em Comunicação Social (FIC/UFG). Contato: raisarpina@gmail.com